

“A cidade de São Paulo como ela realmente é”: engajamentos afetivos e coletivos em uma etnografia do fazer-cidade entre jovens negros

“The city of São Paulo as it really is”: affective and collective engagements in an ethnography of city-making among Black youth

Alef Diogo da Silva Santana^a 

Resumo A cidade de São Paulo é frequentemente descrita como uma metrópole de contrastes sociais, mas este trabalho propõe uma abordagem centrada nos espaços-territórios da cidade, com um olhar analítico para as afetividades e as comunidades que os compõem, visto que muitas vezes esta perspectiva é negligenciada nas discussões sobre territórios e experiências de jovens negros. Através de uma etnografia, busca-se analisar como as mobilizações afetivas e coletivas em certos territórios da cidade de São Paulo contribuem para o fortalecimento das identidades dos indivíduos envolvidos, ressignificando suas relações com a cidade por meio da cultura, solidariedade e da luta por territórios e narrativas historicamente marginalizadas. O trabalho de campo foi realizado entre 2021 e 2023, e resulta da minha tese de doutorado. Observação-participante e diário de campo, tradições consagradas no campo da antropologia, foram empregadas na realização do trabalho de campo. Por fim, os dados etnográficos destacam que o Coletivo da Quebrada e o Bar Ovo, espaços-territórios centrais nesta etnografia, realçam a cidade como um campo de disputa, onde o engajamento coletivo e a ressignificação desses espaços afirmam identidades marginalizadas e garantem o direito à cidade, criando redes de pertencimento, acolhimento e solidariedade.

Palavras-chaves Territórios. Cidade. Engajamentos Afetivos. Negritude. Etnografia.

Abstract *São Paulo is often described as a city of social contrasts, yet this study focuses on the city’s spaces-territories, exploring the affectivities and communities within them—a perspective often overlooked in discussions about Black youth. Using ethnography, this research examines how affective and collective mobilizations in certain territories of São Paulo strengthen the identities of those involved, re-signifying*

a Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: alef.santana@urca.br

their relationship with the city through culture, solidarity, and the fight for historically marginalized spaces and narratives. Conducted between 2021 and 2023, this study forms part of my doctoral thesis and is structured into four sections that highlight how engagement helps reclaim Black youth identities, positioning the city as a space for participation and cultural creation. The research relied on participant observation and field diaries. The data reveal that the Coletivo da Quebrada and Bar Ovo—key spaces in this ethnography—illustrate how these territories, through collective action, assert marginalized identities and guarantee the right to the city, fostering networks of belonging and solidarity.

Keywords Territories. City. Affective Engagements. Blackness. Ethnography.

INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo é frequentemente retratada como metrópole de contrastes (Pallamin, 2015) e como cidade-máquina (Ferla, 2006), onde o dinamismo e a modernidade se cruzam com as aviltantes desigualdades sociais, visíveis nas favelas, periferias e nas grandes avenidas que cortam a cidade. No entanto, essa visão da cidade muitas vezes parece não capturar as experiências daqueles e daquelas que, em seu cotidiano, moldam, são moldados e ressignificam determinados espaços-territórios da cidade. Para as pessoas jovens negras desta etnografia, por exemplo, a cidade de São Paulo não é apenas um cenário de mazelas, mas também um território onde há espaço para a produção de afetividades, de engajamentos sociais, de reinvenção e de outras potencialidades culturais para experienciar a cidade. Neste texto, destaco, esses ambientes serão nomeados ora como espaços-territórios, ora como territórios ou, ainda, como territórios afetivos (Santana, 2024). São nesses espaços-territórios, permeado por complexas dinâmicas de poder e pertencimento, que se desenrolou o processo de fazer-cidade, conforme os termos propostos por Michel Agier (2015) e D’Andrea (2020), durante o trabalho de campo que realizei na cidade de São Paulo entre 2021 e 2023.

Para os jovens negros interlocutores desta etnografia, o território não se restringe a um espaço geográfico delimitado por fronteiras políticas e econômicas, como descrito na literatura como tecnologia de poder (Haesbaert, 2020). Tampouco se relaciona com as perspectivas adotadas na saúde, especialmente na saúde coletiva, que foi crucial para a consolidação da Atenção Primária à Saúde no país (Gondim, 2011). Pelo contrário, para esses jovens, o território é entendido nas dimensões do engajamento afetivo, na linguagem emocional e contextual (Rezende, Coelho, 2010), na troca e ajuda mútua. É um ato que não se limita ao espaço físico da cidade, mas envolve o direito à cidade; a reivindicação por visibilidade e reco-

nhecimento; pela expressão de cultura e resistência; e pela configuração de novas possibilidades para viver e experimentar determinados espaços-territórios da cidade.

Para esses jovens, os dados etnográficos apontam que o território é um lugar de reapropriação, experimentação, descobertas, fortalecimento de vínculos e engajamento político-afetivo, onde as relações afetivas se entrelaçam com as estratégias de sobrevivência e afirmação identitária. Esta etnografia do fazer-cidade entre jovens negros nos permite adentrar nesse universo, revelando como suas práticas cotidianas, afetos e interações, ao moldarem a cidade, também são moldados pela dinamicidade desses espaços, mostrando que esses territórios possuem agência (Latour, 2012) e influenciam a construção e composição das relações (Santana, 2024).

Assim, ao invés de compreender a cidade de São Paulo apenas pelas lentes que a tomam como cenário de desigualdades sociais, ou de execução das políticas públicas, esta pesquisa busca iluminar a São Paulo vivida por aqueles que a habitam de maneira mais silenciosa, mas igualmente potente: jovens negros que, por meio de seus engajamentos afetivos e coletivos, criam, reconstróem e, muitas vezes, subvertem as normas que regem seu lugar no espaço urbano, nas zonas invisíveis pelo poder público, ou pelo contrário, por espaços que são intensamente visados e frequentados. Dois cenários diferentes, mas que possuem o mesmo fio condutor.

Em termos teóricos-metodológicos, é importante ressaltar que esta etnografia adotou uma perspectiva engajada, que pensa e produz descrições etnográficas (Strathern, 2014) de caráter contextual, pautada por uma escrita densa e meticulosa, privilegiando os detalhes, nos quais o etnógrafo se deixa afetar (Favret-Saada, 2005) e observa o mundo de maneira descentrada, levando as pessoas interlocutoras a sério (Ingold, 2018). Assim, as situações e eventos descritos neste trabalho são frutos das relações estabelecidas com as pessoas interlocutoras nos últimos anos, em diversos espaços-territórios da cidade de São Paulo, permeadas por questões íntimas, particulares e trajetórias emocionalmente dramáticas que marcaram seus processos de construção subjetiva. Optei estrategicamente por escolher duas pessoas interlocutoras e dois cenários para compor o argumento central deste trabalho. Os diálogos teóricos são, sobretudo, com a literatura da antropologia das emoções e com a antropologia urbana. Ressalto ainda que concedi estatuto epistemológico às comunicações e situações involuntárias e não-intencionais com as pessoas interlocutoras durante o trabalho de campo, tal como Favret-Saada (2005), por concordar que um engajamento intencional com um roteiro pré-determinado seria inviável, pois nebulizaria as pistas que estavam sendo produzidas em campo (Magnani, 2023)

Posto isto, o principal argumento deste texto é que as mobilizações afetivas e coletivas de jovens negros funcionam como formas de resistência, emancipação e ressignificação, promovendo pertencimento em espaços específicos da cidade de São Paulo. O trabalho está estruturado em quatro seções: esta breve introdução; a segunda sobre as ‘Mobilizações de um coletivo’ de Natan¹ e seu coletivo cultural na periferia da zona Oeste; a terceira, ‘Fazer o Bar Ovo acontecer: entre o apoio e prestígio’, que realça a relação afetiva entre Matilde, Fabiola e o bar; e, por fim, a quarta, ‘Algumas considerações – parciais’, que faz a síntese dos elementos discutidos ao longo do texto. O objetivo, por fim, é analisar como essas mobilizações contribuem para a valorização das identidades e ressignificam as relações com a cidade por meio da cultura, solidariedade e a reivindicação de territórios e narrativas historicamente marginalizadas.

MOBILIZAÇÕES DE UM COLETIVO

Reencontrei Natan naquela fria sexta-feira, 18 de agosto de 2022, por volta das 18h40. Tínhamos combinado de nos encontrar em um bar da região central do Butantã, zona oeste de São Paulo, chamado Beco da USP. O Beco é um local frequentado por estudantes da Universidade de São Paulo (USP), um espaço ao ar livre onde grande parte das pessoas busca se perder um pouco no álcool e nas conversas que amenizam o peso da semana. Fica próximo a um dos principais portões da USP, o primeiro, e não é incomum estar lotado a partir das quartas-feiras. Quando cheguei ao Beco, Natan já estava lá. Seu olhar desconfiado me fez perceber que algo o incomodava, mas antes de perguntar qualquer coisa, dei-lhe um abraço apertado e um beijo na bochecha, como sempre faço. Ele logo comentou *hoje está cheio*², ao passo que concordei sorrindo. Sentei rapidamente e coloquei minha bolsa ao lado da mesa. A aparência cansada de Natan não passou despercebida por mim. Nas suas costas, observei uma mochila extremamente volumosa e já bem desgastada. Natan vestia uma longa calça escura, uma camisa de tom vermelho vinho, e um tipo de gorro. Seus cabelos escuros presos estava um coque frouxou, demonstrando que o dia tinha sido intenso.

Na mesa, já tinha à disposição cigarros e uma cerveja. Natan já estava no segundo copo, apesar do frio. Apressei-me a acompanhá-lo. Entre conversas sobre a rotina da semana e o desabafo sobre o cansaço do dia, comentei que havia visto

1 O nome das pessoas interlocutoras foi modificado para não expor suas identidades. No entanto, fiz opção contrária ao deixar o nome real dos espaços-territórios.

2 As expressões em itálicos sinalizam as enunciações das pessoas interlocutoras em campo. Os trechos são decorrentes das longas conversas que tive com elas.

pelas redes sociais algumas programações culturais espalhadas estrategicamente pelo centro da cidade, destacando meu interesse em conhecer essas atrações e deixando um convite no ar para que ele me acompanhasse. Com um olhar desconfiado e um sorriso meio sem graça, Natan soltou um *sei não, você precisa conhecer a cidade de São Paulo como ela realmente é: pela periferia, os centros culturais mais distantes, as produções das comunidades e as formas que cada expressão artística dessa carrega dentro dos territórios periféricos*. Falou com uma voz calma, com uma segurança de que sabia muito bem do que estava falando.

Natan é um jovem rapaz negro, paulistano, nascido na zona oeste de São Paulo, de média estatura, com cabelos lisos escuros e um pouco de barba no rosto. Sempre que saía em sua companhia, um mundo de novas informações me eram apresentadas, seja do ponto de vista da cidade, seja do ponto de vista da sua experiência enquanto jovem negro que mora na periferia da zona oeste e que trabalha com arte e história no centro da cidade. Observei desanimado e um tanto quanto curioso à sua fala, dando a entender que queria compreender o porquê que eu deveria conhecer São Paulo *como ela realmente é*. Natan continuou falando que, embora essas atrações sejam interessantes e importantes dentro do cenário cultural da cidade, *há várias outras que são invisibilizadas e ignoradas pela gestão municipal e estadual* que são construídas a partir de muita disputa, em termos simbólicos e materiais, contando apenas com disposição e boa vontade de pessoas envolvidas.

Trouxe como exemplo o Coletivo da Quebrada, do qual faz parte, formado por jovens artistas periféricos do bairro Jardim João XXIII, em São Paulo. Segundo Natan, o Coletivo já existia antes de sua entrada, mas ele começou a participar há cerca de dois anos. O foco do Coletivo, conforme o próprio Natan, é o resgate das identidades esquecidas pelo poder público por meio da produção de conteúdos audiovisuais, muitas vezes viabilizados com o auxílio de políticas culturais do estado. Ressalto que a categoria periférico/a aqui, como destacado por Peralta (2024) e Aderalto (2017), está mais ligada às condições de vida em uma cidade desigual e segregada como São Paulo, e às oposições epistêmicas enfrentadas por certos indivíduos no cotidiano. D'Andrea (2020) destaca que há uma intensa disputa conceitual em torno dessa categoria, que surge a partir de diferentes agentes sociais, ora da academia, ora da indústria do entretenimento, ora pelos próprios moradores da periferia. Além disso, a ideia de falar da periferia como um lugar e de se apropriar dela enquanto identidade com atributos positivos, ressignificando os sentidos atribuídos a esse espaço pelas próprias pessoas que nele vivem, é algo recente (datando de 1990 para cá), com as expressões culturais, especialmente o hip hop, sendo o principal catalisador dessa transformação.

Após a explicação do Natan, procurei o perfil do Coletivo nas redes sociais e passei a segui-los. Interessei-me em conhecer e acompanhar as ações e atividades realizadas por eles. A produção mais recente era um documentário sobre futebol, tido como uma das ferramentas de transformação social e política mais potente do Brasil, segundo a própria postagem no perfil deles. O projeto resultou no filme Santo Domingo³, disponível no canal do Youtube do grupo, que acompanhou o futebol da Várzea e sua importância para a população negra e periférica. Curioso para saber mais um pouco, questionei Natan sobre o porquê que ele fazia parte do projeto. Fugindo da obviedade, respondeu que foi devido *às circunstâncias e encontro de fatores que se somavam, como minha atuação enquanto arte educador de um cursinho popular na periferia; por ter uma circunvizinhança de colegas em comum com os dois fundadores do Coletivo; do clube de leitura que envolviam as pessoas do cursinho também, enfim. É até um pouco nebuloso para tentar ver um ponto de início disso tudo. Mas claro que tinha o fator principal de resgate e valorização da cultura na periferia, ou ainda, de falar sobre o cotidiano desse pessoal*. Falou com um tom um tanto quanto incrédulo, fazendo uma retrospectiva do processo todo que o levou até ali. Inesperadamente pediu licença e anunciou que iria ao sanitário.

Enquanto Natan se dirigia ao banheiro, decidi observar um pouco mais o Coletivo nas redes sociais. Notei que o grupo era formado apenas por jovens rapazes, alguns negros e outros brancos. Havia uma série de fotografias que destacavam a produção do grupo na periferia de São Paulo, com temas como: a vida no busão; as vozes do oeste (diálogos com artistas e grupos do território da Zona Oeste de São Paulo); o futebol da Várzea; a luta pelo direito à cidade (e a crítica à gentrificação), entre outros. O recorte de raça e classe era evidente nas imagens e vídeos produzidos pelo Coletivo. Entre uma postagem e outra, era possível ver Natan nas fotos, ora com máscara – devido à pandemia de COVID-19, ora segurando uma câmera, ora com um caderno fazendo anotações. Em todas as imagens, no entanto, era visível a polissemia na produção de significados, resultado do pensar a cidade, ou melhor, das pessoas que viviam a periferia, o que não só favorecia a identificação dos elementos que compunham a fotografia, mas também produzia uma mistura de pensamentos e emoções (Novaes, 2008) ao que era compartilhado.

O que ficava nítido, à medida que visualizava mais e mais fotografias, era o quanto o Coletivo tinha uma perspectiva crítica do direito à cidade, sobretudo, a partir de grupos sociais que estão às margens do poder público. Talvez, *conhecer*

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BOL3FAOuIEW>.

a cidade de São Paulo como ela realmente é, esteja intrinsecamente associado a uma leitura e interpretação dos agentes sociais que não ignoram e ou não esquecem das potencialidades culturais e artísticas da juventude negra paulistana, em contraponto às concepções culturais, sociais, políticas e econômicas de setores hegemônicos (Cunha Junior, 2020). Os dados etnográficos me levam a pensar que os processos artísticos urbanos existentes nas periferias e que são captados por Coletivos, como o da Quebrada, tem uma relação íntima com a produção das identidades e da socialização dos indivíduos, como apontado pelo Henrique Cunha Junior (2020).

Inesperadamente, notei uma movimentação ao redor da mesa em que estávamos. Lá ao longe, avistava Natan se aproximando, com as mãos em gestos que indicavam estar muito frio. Poucos segundos após se sentar, a chuva começou a cair. Tentamos ignorá-la, mas logo veio acompanhada de uma ventania gelada. Aos poucos, a chuva se intensificou. Já não era mais possível ignorá-la. Precisamos nos abrigar com as demais pessoas debaixo de um toldo. Ninguém queria passar frio e se molhar. Enquanto nos ajeitávamos para escapar do vento congelante e da chuva, Natan comentou que uma situação assim dificilmente ocorreria em Recife, ao que concordei, esperando que não fôssemos pegos por um temporal. Estava enganado. Era uma chuva torrencial, tudo o que não queríamos. Já não parecia fazer sentido estar na rua.

A partir do encontro com Natan, percebi que certos territórios não são apenas espaços físicos, mas lugares onde afetos, memórias e identidades se entrelaçam. Isso me levou a refletir sobre como esses espaços são ressignificados por aqueles que os habitam, evidenciando não apenas os vínculos complexos ali constituídos, mas também as estratégias usadas para se fazer-na-cidade (Agier, 2015). Durante as conversas com Natan, fui levado a pensar sobre a reivindicação e ressignificação do direito à cidade por grupos que, recentemente, vêm construindo e se engajando em novas narrativas sobre esses territórios, especialmente nas periferias. Esse lugar, como parece, tem uma dinamicidade discutida e aprofundada em outras etnografias, como as de Tiaraju D'Andrea (2020), Michel Agier (2015) e nas contribuições teóricas de Milton Santos (1996) à geografia crítica.

Acredito que o território, além de dinâmico, exerce uma agência capaz de moldar as relações entre as pessoas. Como destacado nesta etnografia (Santana, 2024) das relações de pessoas negras sexo-gênero-diversas em São Paulo, certos territórios se configuram como espaços de cuidado, engajamentos afetivos e coletivos, e resistência social e política. O Coletivo da Quebrada, que busca resgatar a identidade de pessoas em territórios periféricos de São Paulo, exemplifica como

as mobilizações coletivas, mesmo com limitações materiais, são moldadas pelas potencialidades afetivas desses espaços, produzindo pertencimento e participação social. Trata-se da construção de novas formas de reivindicar e experienciar esses espaços na cidade.

Para Milton Santos (2007), o território é o espaço onde se lançam ações, paixões, poderes e forças. Santos (2007) vai além dessa categorização, e acrescenta ao termo território o adjetivo usado, destacando a importância do seu entendimento. Afirmar que o território usado ou vivido – categoria a qual acredita que deve ser analisada, é o quadro de vida das pessoas, tanto em sua dimensão global, quanto nacional e local, se constituindo enquanto traço de uma “união entre o passado e o futuro imediato” (Santos, 2007, p. 19) das próprias relações ali existentes, e daquelas que irão existir. Além disso, o autor descreve a categoria território usado como “o chão mais a identidade” (Santos, 2007, p. 14), pois é a identidade que possibilita pertencer “àquilo que nos pertence” (Santos, 2007, p.14). Aqui já seria possível identificar não apenas os significados atribuídos ao território periférico por Natan e pelo Coletivo, mas também a importância que esses agentes conferem à experimentação e vivência cotidiana desses espaços, realçando suas potencialidades e agências.

Não por acaso, o território usado pode ser compreendido como sinônimo de espaço humano ou habitado (Santos, 1994) e, no contexto desta etnografia, assume uma dimensão particular de pertencimento e participação social. O campo revelou que as atividades do Coletivo não apenas fortalecem a identidade de seus próprios integrantes, que buscam resgatar uma determinada memória e identidade coletiva, sobretudo a partir de marcadores de raça e classe, mas também impactam aqueles que se beneficiam de suas ações, ampliando a visibilidade social de seus agentes e o capital simbólico do projeto. Esse cenário possibilita a ressignificação de espaços-territórios e narrativas marginalizadas, ao mesmo tempo em que a disputa se entrelaça e constrói novas formas de engajamento e alternativas para experienciar a cidade de São Paulo em sua complexidade, ou *como ela realmente é*, como falou Natan. Compreender as ações que o Coletivo da Quebrada produz nesses espaços-territórios a partir desse ângulo é, como afirma Salvador (2009), a síntese histórica de investimentos sociais e a condição da práxis transformadora.

Considerar a continuidade da categoria território no contexto de espaços e cidades implica pensar as horizontalidades e verticalidades em um plano global-local, considerando as relações entre Estado e sociedade⁴ (Santos, 1994).

4 Para mais informações, ler: Santos (1998); Cunha Junior (2020).

Contudo, o objetivo aqui é expandir essa categoria e refletir sobre possibilidades que permitam repensar os arranjos e sentidos atribuídos a ela, destacando, por exemplo: a importância das relações e afetividades na vivência das ações do Coletivo nos territórios a partir de lentes racializadas; a implicação dessas relações na vivência desses espaços para as pessoas envolvidas, especialmente as negras, em termos de subjetividades; os sentidos afetivos atribuídos ao espaço-território onde ocorrem as ações; e a dinâmica de produção de conhecimento nesses espaços.

O campo mostrou que o Coletivo da Quebrada se insere em um debate contemporâneo sobre fazer-cidade, pois suas práticas evidenciam como a cidade é experienciada a partir de uma realidade social específica de seus habitantes. Nesse contexto, a análise de raça e classe é essencial para entender a dinâmica do grupo, que, ao promover iniciativas culturais, educativas e políticas nas periferias, tensiona a lógica hegemônica da urbanização excludente. O Coletivo reivindica a cidade como um espaço de participação ativa, destacando que ali se produz vida, cultura, arte, cuidado e resistência a partir de outras perspectivas. A resignificação dos espaços-territórios por meio de produções audiovisuais, cuidado e mobilização social fortalece laços comunitários e evidencia a disputa por direitos, visibilidade e reconhecimento, destacando as narrativas de sujeitos historicamente marginalizados. Esse processo convida a repensar o uso da cidade e o papel dela na construção de um arranjo político-histórico e dinâmico, como exemplificado pelo Natan e o Coletivo da Quebrada.

FAZER O BAR OVO ACONTECER: ENTRE O APOIO E PRESTÍGIO

Era um domingo, 06 de março de 2022. Passei o dia conversando com Matilde pelo WhatsApp, discutindo sobre a nossa saída para aquela noite. Após ter ficado isolado devido a uma forte gripe no final de semana anterior, já me sentia melhor e estávamos animados para revisitar o Centro de São Paulo, local que sempre frequentávamos e que, apesar da fama de perigo devido à intensa presença de pessoas em situação de rua, parecia seguro quando acompanhado de quem conhecia bem a região. Mesmo cientes das advertências sensacionalistas da mídia e dos moradores sobre os riscos das ruas centrais, a experiência compartilhada com pessoas como Matilde, me deixava mais confortável para conhecer outras regiões da cidade. Mesmo assim, a recomendação dela era *não sair sozinho pela cidade se você for novo aqui*. Esse conselho, repetido por Matilde enquanto caminhávamos pela praça da República na região central da cidade, era um lembrete constante

da necessidade de cautela e de estar *sempre ligado no rolê* independentemente do horário.

Naquela noite, optamos por um ambiente mais tranquilo. Queríamos um lugar onde pudéssemos nos sentar e conversar sem sermos interrompidos constantemente por barulhos ou sons, ou ainda, pelos inúmeros vendedores ambulantes comuns à cidade. Matilde mencionou um bar que ficava na região central da cidade, próximo à Santa Cecília, chamado Bar Ovo. Segundo ela, o Bar Ovo tinha sido inaugurado no início de 2022 por Fabiola, uma mulher negra paulistana, e que a conheceu através dos corredores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Matilde, à época, era graduanda em licenciatura em Geografia, e Fabiola em História.

Como forma de me convencer, Matilde comentou que queria apresentar o máximo de amigos de sua rede afetiva para conhecer o Bar Ovo, pois além de ajudar o novo empreendimento da amiga, já que a região era repleta de bares e a concorrência bastante acirrada, também queria compor e construir uma rede de pessoas engajadas em *fazer o bar acontecer* na cena paulista, sobretudo pelo período de retorno à pandemia de COVID-19. Decidimos, então, ir para o Bar Ovo. Curioso, questionei Matilde sobre a origem do nome do bar, mas ela deixou a resposta para que eu perguntasse diretamente à dona do estabelecimento, Fabiola.

Por volta das 19h, chegamos ao Bar Ovo e fui imediatamente surpreendido pela estética do ambiente. Diferente dos bares universitários que compõem o bairro da Santa Cecília, com suas diversas promoções estampadas em placas e inúmeros DJs, o Bar Ovo se destaca por sua simplicidade e aconchego. Localizado entre dois estabelecimentos bem estruturados, o bar acomoda no máximo sete mesas e se caracteriza por uma atmosfera intimista e um tanto quanto retrô. Na rua se ouve intensos barulhos devido a ali próximo ficar o Hospital Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Havia músicas sendo tocadas no interior do Bar Ovo. Era veiculada por uma televisão de 30 polegadas conectada ao celular de Fabiola e reproduzia um repertório de música popular brasileira (MPB) – com clássicos de Maria Bethânia, Chico Buarque, Gal Costa, entre outros – que conferia personalidade ao ambiente. *São as brasilidades, amigo* disse Matilde, em um tom debochado, enquanto eu observava atentamente os detalhes do bar. Rapidamente, Matilde comentou que

5 Os sentidos atribuídos ao *rolê* aqui estão muito mais próximos àqueles que Santiago (2024) observou em sua etnografia, ou seja, ser uma gíria utilizada por jovens para fazer referência ao ato de sair para se divertir. Diferentemente do que foi observado por Pereira (2005) em sua etnografia dos pichadores da cidade de São Paulo.

as *brasilidades* que as pessoas chamam em São Paulo é *uma brasilidade seletiva, porque a maioria são artistas do eixo sul-sudeste e super conhecidos na cena mainstream.*

O interior do Bar Ovo, decorado com discos, vitrolas, quadros e uma parede interativa repleta de frases – que enfatizavam a liberdade de gênero, sexualidade e pertencimento racial, convida os frequentadores a deixarem suas marcas. Mensagens sobre ancestralidade, referências políticas e até recados pessoais compunham o cenário. Na parte superior do bar, lateralmente, havia uma colagem chamativa em cor laranja, onde no centro da imagem havia uma criança angolana e símbolos da ancestralidade negra em seu entorno, como búzios e galho de arruda na sua orelha. Ao lado da criança da colagem, está escrito ‘O orí vencedor, vencerá’. Ao lado da colagem, havia uma muda da espada de São Jorge, como destacado na imagem 1. O quadro-colagem foi um presente que Matilde havia feito para a inauguração do Bar Ovo, deixando evidenciado a rede colaborativa e de relações que se forma ali.



Imagem 1. Quadro doado por Matilde ao Bar Ovo. São Paulo, 2025. Fonte: Foto do autor, 2025.

Quando perguntei à Matilde sobre o quadro, respondeu-me que *foi um presente que eu dei para a inauguração do bar. Fabiola havia me encomendado para compor a estética daqui e por também ela querer que o lugar tivesse a cara dos amigos dela. Mas aí eu fui e dei de presente, não vi sentido em vender esse quadro para*

ela. E assim, amigo, eu acho que essa colagem tem um significado único, porque toda vez que alguém vem aqui, vai me ver também, meu lado artístico e ancestral. Observei atento à sua explicação. Depois que perguntei da colagem à Matilde, ela mesma fez questão de abrir seu perfil profissional nas redes sociais e me mostrar o dia exato que entregou o presente à Fabiola. A expressão em seu rosto na foto era de felicidade e de reconhecimento em ter seu trabalho exposto para todos ali.

Para além desse quadro, percebi que havia uma parede já bem preenchida com frases e algumas canetas à disposição das pessoas. Em uma breve olhada, observei frases que reforçam que ali é um ambiente livre de discriminação de gênero, sexualidade e raça; frases de apoio à pré-candidatura do, à época, candidato à Presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva; ou ainda, escritos que anunciavam a passagem de pessoas indígenas, travestis, nordestinas e negras pelo bar. Posteriormente, também fui convidado a escrever algo na parede. Pude observar, no entanto, que apesar de ter vários escritos ali, o convite a escrever acontecia mediante à presença constante da pessoa no Bar Ovo.

Penso que a composição interativa da parede naquele espaço pode ser vista como uma metáfora do fazer-na-cidade, uma vez que ambas estão ligadas a uma perspectiva de construção coletiva e ao engajamento de visualizar outras existências da cidade. Acredito que as mensagens na parede representam a construção do espaço social, afetivo e urbano, trazendo para a prática a ideia de que a cidade é feita de interações cotidianas, nas quais ambos, cidade e indivíduos, se alimentam, influenciam e se modelam mutuamente. É interessante refletir sobre o significado do uso deste espaço-território (Mendes, Donato, 2003) nomeado Bar Ovo: ora de produção de relações, ora de construção de espaço social, ora de consumo, ora de engajamentos afetivos.

Não surpreende, então, que ao conhecer o interior do bar, percebi a presença de diversos frequentadores que já conheciam não só o Bar Ovo, mas também Fabiola, que os recebia com carinho e sempre fazia questão de interagir, desempenhando simultaneamente os papéis de colega, atendente e dona do estabelecimento. A prática de Matilde de levar outras pessoas ao Bar Ovo me fez refletir sobre as estratégias que as pessoas interlocutoras, como Matilde, utilizam para fortalecer suas redes afetivas em espaços da cidade de São Paulo, marcados pela dualidade em que se tensiona o discurso oficial, de que certos espaços-territórios são perigosos e não se deve andar sozinho.

As estratégias aqui parecem ser baseadas em direcionamentos comunitários, priorizando as transformações e as formas de compor afetos que desconstroem as narrativas de perigo e exclusão que permeiam o Centro de São Paulo. Ao criar

vínculos e promover um ambiente de acolhimento no estabelecimento, Fabiola e outros frequentadores do Bar Ovo contribuem para uma redefinição do espaço urbano, desafiando estigmas e as limitações impostas pelos discursos oficiais. Nesse caso, o campo parece indicar que o Bar Ovo é um território em construção (Santana, 2024), um espaço dinâmico concebido por aqueles que o frequentam como um lugar onde afeto, prestígio, segurança e identidades confrontativas (Vassalo, 2022) coexistem.

Quando voltei à minha mesa, Matilde já me parecia extremamente confortável e, antes mesmo de me apresentar à Fabíola, ela já tinha feito o seu pedido, aproveitando a oportunidade para dar um abraço no pessoal que estava lá dentro – a irmã, o genro e o namorado de Fabiola – o local é administrado por pessoas da família. Enquanto conversávamos, Matilde comentou que *admirava demais* Fabiola pela *pessoa determinada e corajosa que era*, falou enquanto fumava o seu cigarro. Quando, finalmente, Fabiola chegou à nossa mesa, fomos apresentados. *Amigo! Prazer!* Falou-me com um sorriso de um canto a outro. Fabiola é uma mulher negra, alta, cabelos lisos e sorridente, uma energia lá em cima. Rapidamente, puxou uma cadeira e se sentou à mesa conosco. Começou a me indagar de onde eu era, o que fazia da vida, como conheci Matilde etc. Nesse desenrolar da conversa, destacou que tinha percebido que eu não era de São Paulo pelo sotaque, o que confirmei com a cabeça. Apesar de me sentir um tanto quanto desconfortável com tantas indagações, deixei-me ser levado pela sua curiosidade em me conhecer um pouco mais.

Seguimos nos entrosando, enquanto Matilde mexia no celular e aguardava o seu pedido. Como tinha despertado o interesse em saber o porquê do nome do bar, questionei Fabiola enquanto tomava um gole da cerveja que acabará de pedir. Respondeu-me que *é porque eu acho massa a figura e estética de um ovo, amigo. E o conceito de ser pequeno e aconchegante, sabe? Eu tenho um brechó também que se chama brechó Ovo, segue lá no Instagram*. Obedeci. Enquanto isso, ela observava ao seu redor, e as pessoas que passavam na rua. Enquanto procurava o perfil não só do Bar Ovo, mas também do brechó nas redes, aproveitei para questionar sobre a planta da espada de São Jorge⁶ que tinha visto anteriormente.

Apesar de ser cristã, ela me disse que acreditava em todo tipo de ajuda que pudesse combater energias negativas no estabelecimento. Rapidamente, Fabiola interrompeu nossa conversa, levantou-se da mesa e foi chamada na cozinha. Pediu

6 Não pretendo adensar a discussão do tema, no entanto, ao que me parece, a composição religiosa presente no Bar Ovo dialoga com aquilo que Novaes (2017) observou em sua etnografia das práticas religiosas entre comerciantes: há uma relação profunda de aprendizado e pertencas religiosas dessas pessoas e seus estabelecimentos. Para mais informações, ler: Novaes (2017).

licença e saiu. Ficou lá cerca de cinco minutos e voltou acompanhada do pedido que Matilde havia feito e de duas cervejas que a outra mesa havia pedido. Em sua mão, havia um pequeno bloco de notas para anotar as informações. O clima descontraído e acolhedor se espalhava pelas conversas animadas e pela interação espontânea entre os clientes, que se misturavam num ambiente onde Fabiola, sempre atenta, conhecia cada frequentador e mantinha a intimidade das relações.

Entre uma conversa e outra, Matilde assumiu rindo que foi eleita pela própria Fabiola como a *divulgadora número um do bar, amigo*, porque sempre levava pessoas novas ali para consumir no estabelecimento. *É mesmo?* Perguntei. Quando a questionei por que ela fazia isso, me disse *por que eu gosto muito daqui e da Fabiola. Tem lugar melhor para vir do que o Bar de uma amiga e que é no Centro de São Paulo? E assim, ela é uma mulher negra, e eu acho importante essa rede de ajuda. Eu gosto do bar, desse contraste que rola aqui quando comparado aos outros e assim, parece que aqui o pessoal está toda na mesma sintonia. Eu sempre vejo alguém aqui que conheço, ou então conheço um pessoal aqui e depois revejo em outros cantos. É meio isso, sabe?! Parece uma pirâmide que você vai levando uma pessoa e depois essa outra pessoa leva outra, e assim, sucessivamente.*

À medida que a noite avançava, Fabiola se aproximou de nossa mesa com gentileza para anunciar que o bar estava prestes a fechar. Assentimos e pedimos a conta. Depois de pagá-la, nos despedimos com a promessa de retornar no dia 19 daquele mês, quando aconteceria o primeiro samba do Bar Ovo – uma data especial que Fabiola aguardava com entusiasmo, pois esperava que o lugar e o evento fossem divulgados nas redes sociais. Prometi que divulgaria o evento nas minhas redes sociais, e Matilde também. Fabiola agradeceu e disse que nos aguardaria no dia 19. Nos despedimos com um abraço apertado. Enquanto subíamos a íngreme rua que dava acesso à Avenida Consolação, comentei com Matilde que a experiência no bar e o encontro com Fabiola me surpreenderam positivamente. Ela, sorrindo, confessou: *Pode admitir, amigo. Sempre frequento bons lugares aqui em São Paulo. Cola em mim que é sucesso.*

Como tentei demonstrar, nas vezes em que frequentei o Bar Ovo, a receptividade e acolhida generosa da Fabiola tomavam conta do atendimento. Quase sempre fui atendido por ela ou pelo seu companheiro, Luís, um homem branco de longos cabelos e estatura baixa. Ao decorrer do tempo, percebi que passei a fazer o mesmo movimento que Matilde fez ao me levar ao Bar Ovo naquele seis de março, ou seja, passei a recomendar e a levar outras pessoas ao bar, além de divulgá-lo nas minhas redes sociais e afetivas. Não à toa, depois de alguns meses a própria Fabiola me disse, entre sorrisos e abraços, que eu era o *divulgador número dois*

do bar, enquanto Matilde era a *divulgadora número um*. Aos poucos percebi que havia um certo lugar de prestígio e valorização que era designado a determinadas pessoas que experienciam o Bar Ovo, como é o caso de Matilde.

Nas idas com Matilde ao Bar Ovo, não foi incomum observar que algum item consumido por ela ficasse *por conta da casa* devido ao seu movimento de sempre levar alguém novo ao Bar Ovo; ou divulgar o estabelecimento pelas redes sociais, ou ainda por estar presenteando o local com algumas de suas colagens exclusivas. Mais do que os objetos apresentados por Matilde, ganha destaque o próprio orgulho e a satisfação que ela tinha quando era reconhecida como a principal divulgadora do estabelecimento, uma das primeiras pessoas que viu o bar nascer. Esses aspectos me parecem fazer parte de um sistema de ações que valorizam e fortalecem a relação entre Matilde e Fabiola, e entre Matilde e o Bar Ovo, resultando em uma série de momentos afetivos organizados por Matilde no espaço, como um dos seus aniversários; comemorações aleatórias e até mesmo um bazar de roupas.

Nesse sentido, o campo levou-me a pensar que havia uma reciprocidade embutida nessa relação, as quais nomeio aqui enquanto dádivas do dar, receber e retribuir (Mauss, 2003). Matilde ofertava a sua materialidade artística, sua notoriedade enquanto pessoa popular e que levava novos sujeitos ao estabelecimento, criando uma certa rede de indicação afetiva. Fabiola, por sua vez, recebia enquanto valorização material, econômica e afetiva do espaço – o que potencializa e consolida a própria identidade visual e história do estabelecimento. A retribuição, em termos objetivos e simbólico, se dava no fortalecimento da relação entre duas mulheres negras, no prestígio que só as pessoas mais antigas e valorizadas por Fabiola ganhava, elevando o status da relação; e o próprio patamar que Matilde alçava frente às demais pessoas quando anunciava a sua relação com o Bar Ovo, afinal, era a *divulgadora número um*. O marcador racial ao que me parece, atua como catalizador e potencializador no fortalecimento dessa teia de solidariedade que tem como ponto de partida a ajuda entre mulheres negras.

A teia de solidariedade aqui, acredito, se aproxima da descrita por Baptista, Freitas e Bruce (2023), onde as autoras destacam a atuação de um coletivo de mulheres negras como forma de resistência em um dado contexto social. A semelhança, contudo, está mais nos motivos que levaram à formação dessa teia de solidariedade do que no contexto específico abordado pelas autoras. Além disso, os dados etnográficos indicam que o tempo de relação entre Matilde, Fabiola e o espaço-território do Bar Ovo atuam como fatores simbólicos importantes nessa gramática afetiva. Se, na etnografia das amizades de Rezende e Coelho (2010), o tempo era crucial para provar a confiabilidade na relação, aqui surge um novo

elemento que compõe essa equação afetiva: a consideração simbólica do espaço-território do Bar Ovo.

Havia, portanto, uma relação sendo alimentada entre Matilde e Fabiola e entre elas e o estabelecimento, já que os dados do campo me levam a acreditar que o Bar Ovo não era apenas mais um bar no centro de São Paulo, mas um espaço onde confluíam identidades raciais e de gênero, o jogo afetivo e a solidariedade. A parede onde as pessoas podem assinar atua como catalisadora da construção coletiva do espaço, dada sua dinamicidade e a maneira de sublinhar a existência de sujeitos que não apenas passam por ali, mas também circulam e ocupam o espaço. Nesse sentido, os significados atribuídos ao Bar Ovo por Matilde estão muito mais ligados a uma dimensão afetiva que, inicialmente, a motivou a contribuir para a viabilidade do empreendimento de sua amiga, Fabiola.

Quanto às dídivas, parecia que o bem devolvido por Fabiola à Matilde destacava que o valor – em termos materiais e simbólicos, não era igual àquele recebido. Era um dar, por parte de Matilde, sem qualquer garantia de retorno, mas que visava alimentar ou fortalecer o elo social entre ela e Fabiola, e entre elas e o Bar Ovo. Aqui, a conexão entre esses signos e símbolos fica destacado à medida que os lugares ocupados pelas pessoas *divulgadoras número um e dois*, aconteciam. Por outro lado, o ciclo de dídivas que marca a relação entre Matilde, Fabiola e o Bar Ovo deixa em relevo um outro modo de produzir e fidelizar freguesia, clientela, uma vez que o centro da relação não é o consumo – embora este tenha sua relevância concreta; e o trabalho de Fabiola – mediado quase que unicamente pelo dinheiro, mas as relações, os afetos, as histórias das vidas que se conectam e que ao darem contornos e identidade ao Bar, constroem também as relações, as pessoas, a diversão e o lazer. No caso de Matilde e Fabiola, em específico, não podemos esquecer o quanto ajudar o negócio da amiga é uma tecnologia que mulheres que negociam historicamente realizam⁷.

O espaço-território do Bar Ovo é ocupado, configurado e remodelado pelos sujeitos que ali frequentam, mas todos interconectados por uma questão em comum. As escritas na parede interna do Bar Ovo, além de refletirem as pessoas que frequentam o estabelecimento, demarcam quais corpos e identidades constroem o mosaico afetivo e simbólico daquele espaço. Ou seja, o que Matilde destacava nas nossas conversas e convivências no Bar Ovo era que o espaço-afetivo do bar não era estático, mas vivo e dinâmico, sendo construído à medida que diferentes

⁷ Ver, por exemplo, as etnografias que se radicam no campo da antropologia econômica produzidas por Cunha (2011), De L’Estoile (2020), Trindade (2019) e Melo (2022).

peessoas ocupavam aquele lugar. Parece-me que é a construção de uma “comunidade amada” (tradução própria), nos termos de bell hooks (2012, p. 76), e uma teia de solidariedade que vai se tecendo conforme as relações se constroem ali.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES – PARCIAIS

Lançar luz sobre como determinados espaços-territórios podem ser concebidos a partir de uma lente racializada e geracional é uma das perspectivas que permite expandir a categoria território em suas múltiplas dimensões. No caso específico deste texto, tal movimento permitiu realizar conexões entre o direito à cidade e a construção de alternativas urbanas mais justas para determinados grupos sociais. O Coletivo da Quebrada, ao ocupar e visibilizar espaços periféricos, não apenas evidencia outras narrativas sobre a cidade, mas também amplia os modos de engajamento e pertencimento, destacando que a cidade não só é feita, como também influencia, em termos afetivos, materiais e simbólicos, aquelas pessoas que nela vivem.

O Bar Ovo, por sua vez, exemplifica como um espaço aparentemente simples pode ser um centro afeto e afirmação de identidade. A relação afetiva entre as pessoas que frequentam o bar, como Matilde e Fabiola, e o próprio local, revela a importância de espaços informais na criação de redes afetivas e teias de solidariedade, que transcendem a lógica de individualista do mercado e valorizam o cuidado mútuo. O Bar Ovo, ao oferecer um ambiente de acolhimento e nele ser possível ter um certo prestígio, funciona como um ponto de encontro que ressignifica a ideia de pertencimento na cidade, fazendo com que seus frequentadores se sintam parte ativa de um movimento cultural e social.

As ações do Coletivo da Quebrada e o papel do Bar Ovo destacam a cidade como um campo de disputa contínua, onde o engajamento coletivo, as relações afetivas e a ressignificação de espaços são essenciais para garantir o direito à cidade. Esses locais, carregados de significados simbólicos, afirmam identidades historicamente marginalizadas e sugerem que a verdadeira cidade é construída pelas suas comunidades, criando redes de pertencimento, solidariedade e resistência. Por fim, etnograficamente, ainda há questões que ainda demandam um maior esmiuçamento, afinal, como essas mobilizações podem ser descentralizadas e compor outros espaços urbanos, tradicionalmente dominados por lógicas excludentes?

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel (2015). Do Direito à Cidade ao Fazer-Cidade. O Antropólogo, a Margem e o Centro. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 483–498. <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>

- BAPTISTA, Silvia; FREITAS, Caren; BRUCE, Mariana (2023). A teia de solidariedade de gênero, raça e classe na experiência da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 19, p. 194–207. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i19.53971>
- CUNHA, Teresa (2011). “A arte de xiticar num mundo de circunstâncias não ideais: feminismo e descolonização das teorias económicas contemporâneas”. In: CUNHA, Teresa (coord.). *Ensaio pela democracia. Justiça, dignidade e bem-viver*. Porto: Edições Afrontamento, p. 73-97.
- CUNHAJUNIOR, Henrique (2020). *Espaço público, urbanismo e bairros negros*. Curitiba: Appris.
- D’ANDREA, Tiaraju (2020). Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. *Novos estudos CEBRAP*, v. 39, n. 1, p. 19–36. <https://doi.org/10.25091/S01013300202000010005>
- DE L’ESTOILE, Benoît (2020). “Dinheiro é bom, mas um amigo é melhor”. Incerteza, orientação para o futuro e a “economia”. *Ruris*, Campinas, v. 12, n. 2, p. 227-264. <https://doi.org/10.53000/rr.v12i2.4261>
- FAVRET-SAADA, Jeanne (2005). “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991), São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>
- FERLA, Luis (2006). “A cidade-máquina em São Paulo, sinfonia da metrópole”. In: *Cadernos de antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem, p.81-96.
- GONDIM, Grácia Maria de Miranda (2011). *Territórios da atenção básica: múltiplos, singulares ou inexistentes?* Tese (Doutorado em Saúde Pública). Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz.
- HAESBAERT, Rogério (2020). Do Corpo-Território ao Território-Corpo (Da Terra): Contribuições Decoloniais. *GEOgraphia*, v. 22, n. 48, p. 75-90. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100>
- INGOLD, Tim (2019). *Antropologia: para que serve?* Petrópolis: Vozes.
- LATOURE, Bruno (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba; São Paulo: Edusc.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor (2023). *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp.
- MAUSS, Marcel (2003). *Essai sur le don. Forme et raison de l’échange dans les sociétés archaïques*, Paris: PUF.

- MELO, Lucas Pereira de (2022). *Minha vida todinha foi no meio dos panos: mulheres, dinheiros e negócios na Zona da Mata pernambucana*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- MENDES, Rosilda; DONATO, Ausônia Favorito (2013). Território: Espaço Social de Construção de Identidades e de Políticas. *Sanare - Revista De Políticas Públicas*, v. 4, n. 1, p. 39-42. <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/114>
- NOVAES, Gustavo Gobbi (2017). *A presença do sagrado no comércio: uma etnografia das práticas religiosas entres os (as) comerciantes de Juiz de Fora*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.
- NOVAES, Sylvia Caiuby (2008). Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *Mana*, v. 14, n. 2, p. 455-475. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200007>
- PALLAMIN, Vera (2015). *Espaços urbanos no despontar da metrópole paulistana: cisões, transformações, usos e contrastes*. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.4758.7682>
- PERALTA, Diego Edmilson (2024). *Até onde a gente vai? Coletivos culturais, mobilidade urbana e produção de conhecimento em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa (2005). *De rolê pela cidade: os pixadores de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia Pereira (2010). *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- SALVADOR, Diego Salomão Candido de Oliveira (2009). O Território usado e o uso atual do Território do Agreste Potiguar. *HOLOS*, v. 2, p. 110–131. <https://doi.org/10.15628/holos.2009.219>
- SANTANA, Alef Diogo da Silva (2024). *Diferenças, dengo e território: uma etnografia das relações de pessoas negras sexo-gênero-diversas da cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Enfermagem). São Paulo: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- SANTIAGO, Luiz Paulo Ferreira (2024). *O baile funk na encruzilhada: uma etnografia dos fluxos de rua na zona sul de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SANTOS, Milton (1994). *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec.

- SANTOS, Milton (1998). As exclusões da globalização: pobres e negros. *Thoth*, v. 4, p. 147-160.
- SANTOS, Milton (2007). “O dinheiro e o território”. In: BECKER, Bertha (orgs.). *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: Lamparina, p.7-13.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (1996). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, ANPUR.
- STRATHERN, Marilyn (2014). *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- TRINDADE, Catarina Casimiro (2019). “Uma maneira de passarmos a conviver”: descrição de um xitiki familiar na cidade de Maputo, Moçambique (2013-2015). *Revista de História*, São Paulo, n. 178, ao5718. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2019.145419>
- VASSALO, Brigitte (2022). *O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos*. São Paulo: Elefante.